



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

Lá ao longe se avista
O que-larão das fogueiras
Afinai essas gargantas
Raparigas das «Pedreiras»



Editorial

Hoje O Novo Fangeiro faz anos. Sétimo aniversário. Bem bonito rol!... Para a vila de Fão é de facto **um facto** para assinalar. Manter uma publicação na terra fangeira durante este tempo todo e tendo em conta a curta longevidade de outros jornais já aqui publicados e ainda a actual capacidade económica do burgo local, merece que o evento seja devidamente assinalado.

O Novo Fangeiro deve ser visto como mais uma instituição local com funções específicas colocadas todas ao serviço de Fão. Antes de mais um jornal local desempenha a função de livro de actas dos acontecimentos mais salientes verificados no meio. Temos perdido (ou ganho) muitas horas na Biblioteca do Porto a esfolhar, **resfolhar** e **«trifolhar»** todos os periódicos do concelho o que nos tem permitido possuir uma noção mais ou menos exacta da história da nossa terra: que outras instituições já aqui existiram, quais os vultos que mais se dedicaram ao serviço do desenvolvimento e do prestígio de Fão, que factos relevantes ocorreram no meio, qual a filosofia de vida adoptada pelos habitantes face a situações surgidas no decorrer dos anos? Por exemplo: em Julho de 1965 o C.F. de Fão ganhou ao Vizela por 1 a 0. E depois? Depois o jornal O Cávado de 7 de Novembro de 1965 apresenta a linha: Pimenta, Raúl, Elias e Monte; Gari e Agostinho; Artur, Isaúca, Pedras, Z. Santos e Luis. O que é que isso tem a haver com a tal filosofia? O leitor ainda não descobriu? Nós vamos dizer: face aos nomes apresentados nessa altura, a filosofia adoptada pelos dirigentes do futebol era a de que o grupo ou a equipa local devia adoptar essencialmente gente da terra. Pelo mesmo jornal ficamos a conhecer a categoria social dos dirigentes de futebol de algumas décadas atrás: Júlio Monteiro, Rufino Barreiro, Manuel Reis Alves, Carlos Tura, Ernestino Sacramento, Américo Pereira, Mário Pelica, Dr. Pimenta e poeta Vinha dos Santos. Tudo gente de algo. Isso contrasta com a democratização verificada nos tempos de hoje. Estamos a criticar? De modo algum: estamos só a descrever o fenómeno. A registar. O

casamento de Artur Sobral, segundo notícia apanhada no Cávado de 3-8-1947, enumera as pessoas que tomaram parte na cerimónia: Carlos Pires Gaifém, Ten. Coronel Luis Nogueira, Dr. Alceu Vinha dos Santos, P.e Francisco Cubelo, P.e Avelino Borda, Prof. Pio Rodrigues, Antonino Borda, Américo Pereira, Manuel Campos Monteiro, D. Rosália Carneiro, José Mata, Leite Rosa, Prior de Fão, Manuel Penetra, Joaquim Pinto de Campos; António Morais, D. Cândida Silva (Alaia?).

Daqui concluímos ou deduzimos que as pessoas mais **in** nesse tempo eram exactamente aquelas que acabámos de enumerar, com algumas excepções como mandam as boas regras.

Verdade seja que esta moda descritiva está hoje ausente do jornalismo actual, mas que tem o seu interesse lá isso tem.

7.º ANIVERSÁRIO

Apresentamos três exemplos, mas poderíamos apresentar mil. É certo que a leitura dos jornais só nos permite devassar a história recente. Isso é infelizmente verdade, mas a situação decorre da circunstância de os jornais possuírem também um passado recente, o que torna a investigação mais trabalhosa. Já Fernão Lopes dizia no seu tempo, século XV: «Oo! com quamto cuidado e diligemçia vimos grandes vollumes de livros, de desvairadas linguagões e terras; e isso meesmo pubricas escrituras de muitos cartarios e outros logares nas quaees, depois de longas vegilias e grandes trabalhos, mais çertidom aver nom podemos da contheuda em esta obra». (1)

Dirá um leitor mais renitente: «mas é assim tão importante conhecer a história de Fão»? Esta pergunta levar-nos-ia para outra de alcance mais abrangente: qual o contributo da História no desenvolvimento da vida dos povos? Bem, tratar desta questão obrigaria a ocupar muito espaço, o que ultrapassava os objectivos deste editorial. De qualquer modo Fão orgulha-se da sua história e é ainda com o seu passado histórico que os fangeiros se julgam, se ufanam de ser os maiores. Daí o interesse em nos conhecermos melhor hoje e ontem.

(Continua na pág. 4)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

A JÚLIA MOIRA

Correspondendo, à sugestão dum conterrâneo, trazemos para a secção do perfil de hoje uma figura que de certo modo se tornou célebre devido às várias partidas que pregou na terra de Fão: a Júlia Moira. Poderá considerar-se uma figura típica? De certo modo cremos que sim. Por figura típica de uma terra nós entendemos uma personagem que se distingue por possuir uma maneira notada e diferente de vida. Esta tipicidade pode encontrar-se em pessoas de diferentes estratos sociais, mas em regra acontece em indivíduos de menor capacidade económica e que são consideradas na terra com um certo halo de simpatia. Já aqui evocámos a memória do Avelino e do João Cego como prototipos de figuras típicas.

A Júlia Moira nós conhecemo-la ainda. Era sobre o baixo, magra e de olhar muito vivo. Veio a ser protagonista de dois casos que ficaram famosos nos anais da terra.

Lembra-nos que em pequenino, sempre que passávamos no local da Bonança, parávamos e espreitávamos por um buraco a que chamavam Cova da Moira. E vinha então para pé da conversa a memória ou a figura da Júlia Moira e a narração que ela aparecia como Comparsa. E então o que foi? Naquele sítio onde nós parávamos, havia, anos atrás, uma grande cova dentro da qual poderia caber e esconder-se à vontade uma pessoa. E do que haveria de lembrar-se a Júlia Moira? Começou a espalhar pela terra que no fundo daquela cova havia uma moira encantada que

poderia fazer bem a quem ela, Júlia, recomendasse. Era no entanto necessário que aqueles ou aquelas que quisessem beneficiar dos favores ou das boas acções da moira, lhe oferecessem qualquer lembrança: comida, dinheiro e outras coisas. Ela, Júlia, encarregava-se de levar à dita moira os óbolos que a população ia depositando ao lado da cova. Para entrar em contacto com aquele ser mágico, a Júlia envergava uma túnica ou um vestido branco. Claro que era preciso um *decor* especial, mas a nossa conterrânea, com um à vontade e convicção impressionantes, criava o protocolo necessário e convincente. Uma família da Rua Serpa Pinto, as Vendeiras, foram no engodo durante meses ou anos a fio. Tinham uma loja naquela vila e quase entraram em falência por causa das exigências da Moira, queremos dizer, da Júlia. Estavam a dar tudo o que tinham. Isso hoje espanta-nos. E nós não sabemos que mais admirar: se a sagacidade da Júlia, se a credence infantil daquela família das Pedreiras que acreditava cegamente na *mise en cène* da sua conterrânea. Claro que o embuste acabou por ser descoberto e a Júlia, que ficou «moira» a partir daí, atingiu os pináculos da fama, na terra e nos arredores. Em Fão e noutras aldeias o tema obrigatório das conversas era precisamente a Júlia Moira. Este adjectivo colou-se-lhe definitivamente tanto em vida como para além da morte. As pessoas que hoje recordam o caso referem-se com um certo sorriso e uma certa indulgência.

Mas a Júlia não se ficou por aqui quanto

a pregar partidas aos íncolas locais. Quis arranjar à força um casamento entre uma jovem da terra, Isolina Freitas e um senhor «brasileiro» chegado recentemente à antiga cidade das águas Celenas, o sr. Ramalho, que ficou dono de uma farmácia que existia onde hoje o Minguinhas tem a ourivesaria. Com a arte, ratic e simpatia que nela abundavam, entrometeu-se com muita aceitação na casa da jovem matrimoniante. Começou então a convencer a referida moça de que o tal brasileiro, rico como um odre, se deixara enfeitiçar pelos seus olhos e pretendia casar com ela. Tinha entretanto receio de apanhar uma *nega* e assim incumbiu a Júlia em pessoa de *sondar o terreno*. A confiante donzela e mais a sua família deixaram-se inflamar pela verve da Júlia e aí temos a nossa jovem a sentir acelerações taquicárdicas na mesma onda dos seus familiares. A felicidade e a emoção sentaram-se à mesa da família Freitas. Depois começou o ciclo das cartas. A Júlia, ela própria, começou a trazer para casa de moça lindas missivas do tal senhor, mas que eram exclusivamente da sua (Júlia) lavra. Por sua vez, a rapariga, enternecida por tão floridas e belas mensagens, retorquia na mesma escala. A Júlia, está-se a ver, recebia aquelas endeiças de amor, li-as e respondia no mesmo tom. Claro que o sr. Ramalho não sabia de nada, embora olhasse com simpatia e admiração o tom solene e amigo com que a família da sua «noiva» o distinguia. Mas o «desgraçadinho» estava inocente de todo este arco voltaico que a Júlia Moira criara ao redor das duas famílias.

Chegou-se o dia do casamento. Escusado será dizer que a Júlia casadeira era tratada com muita deferência pela família e cumulada de atenção e de prebendas. Consta que era

(Continua na pág. 16)

OS NOSSOS ENTREVISTADOS

3

Pelo **QUIM DE FÃO**

José Valentim Pereira Vilar, Arcipreste e Prior da nossa igreja, 58 anos, ordenado sacerdote em 15 de Agosto de 1857. Pároco de: Oleiros, Vilaverde; Caxinas, Vila do Conde; e Fão, desde 20 de Março de 1977. Entrou para o ensino por solicitação do Senhor Arcebispo em 15 de Dezembro de 1976. Retomou em Esposende em 1981.

Esta a biografia do Senhor Prior de Fão, actualmente Arcipreste.

Não é fácil ser entrevistador, por escrito, quando o entrevistado tem um grande conhecimento dos assuntos e um tacto muito fino para, de forma pontual, responder às questões postas. Poderiam ter sido outras, mas achámos as mais pertinentes no momento que passa...

1. É cómodo ser Prior de Fão?

É um serviço agradável, belo, que encanta, como toda a aventura apostólica em que o trabalho se faz por conta do Senhor. Ninguém é dono de ninguém, a não ser Ele. Ninguém tem que se incomodar apesar do aparente fracasso, porque a tarefa é divina. O nosso trabalho é o de servo inútil...

Quando Deus quer, a graça acontece na vida das pessoas.

2. Há tendência para uma Igreja mística ou socializante em Fão?

A Igreja é o povo de Deus. É só uma. Ou é, ou não é. Nos tempos actuais a eclesiologia diz-nos que a Igreja é comunhão na Trindade, à imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Os cristãos devem viver no amor recíproco, participando nas tarefas comuns, dando e recebendo colaboração, sem individualismos, sem invejas nem intrigas.

A Igreja socializante é uma Igreja de irmãos em que todos são responsáveis pelo seu crescimento, uma Igreja que faz comunhão, em que cada um se interessa vivamente pelo outro e o que preocupa um, preocupa igualmente a todos. É um ideal que continuamente se busca. Muito se tem caminhado neste sentido, mas é preciso continuar a fazer caminho sem preconceitos de qualquer espécie. Igreja socializante sim, socialista não.

3. A Igreja de Fão tem dois pesos e duas medidas?

Isso é uma insinuação. Não vá por aí. A Igreja de Fão, ou antes o padre de Fão procura ser coerente nas suas decisões e atitudes. Não é um autómato que trate as pessoas como coisas. Se todas as pessoas são diferentes, o tratamento deverá ser diferente. Eu procuro ser o mais justo possível para todos e ter um tratamento de equilíbrio e de humanidade.

É natural que algumas pessoas queiram ter um tratamento de privilégio e façam acusações injustas porque não conseguem o tratamento de excepção que desejavam. Cada um vê as coisas conforme a cor dos óculos que usa. Talvez isso tenha alguma coisa a ver com padrinhos que não foram aceites para Baptismo ou noivos que queriam o casamento em datas impossíveis.

Olhe. Num sentido pastoral e compreensivo, procuro esclarecer o caso, dizer as razões porque não pode ser. Indico qual é a solução mais conveniente. Se o interlocutor aceita, muito bem, se não, procuro ceder compreensivamente naquilo que é possível. A pastoral procura na realidade o que é melhor. Aceita algumas vezes o menos bom no intuito de salvar o que é possível. Ceder nalgumas circunstâncias não é usar duas medidas nem ser fraco, mas procurar o melhor possível. Se as pessoas aceitam diante de mim mais uma coisa e depois vão lá para fora fazer afirmações e comentários desfavoráveis, o problema já não é meu.

Ter aceite no passado para padrinhos pessoas que estavam na mesma situação daquelas que agora foram rejeitadas é fruto de um esclarecimento mais profundo das leis da Igreja tal como o exige o Código de Direito Canónico de 1983. O assunto já foi devidamente exposto nas missas dominicais. Mas nem todos ouvem o que se diz na igreja...

Quanto a casamentos que não foram aceites em tal data, isso é certo, precisamente porque nessa data já havia compromissos anteriores. Isto não é tratar as coisas com dois pesos, mas ter critérios realistas de actuação.

Há pessoas que são muito facciosas. Só pensam o que lhes interessa, só dizem o que lhes convém, e quando lhes dá jeito entendem as coisas ao contrário daquilo que foi dito. Não lhe parece?

4. O passado e o presente. Há uma evolução positiva ou negativa dos paroquianos?



1.ª fase das obras do Salão Paroquial. Planos norte e nascente

Certamente refere-se à vida cristã ao longo dos últimos anos. Penso que há uma evolução positiva e animadora. Se falamos em números, a prática dominical cresceu de 848 praticantes em 1977 para 964 em 1991. Mesmo tendo em conta a oscilação demográfica e aceitando que se trata de uma percentagem muito baixa, podemos ver um saldo positivo. A frequência à catequese, a participação nos actos litúrgicos, a consciencialização na celebração dos sacramentos, são índices animadores. E, se há situações mercedoras de reparo na vida de alguns, isso não é motivo para alarme, pois o reconhecimento de tais situações já é de ter em conta.

5. Porque morreram os movimentos de jovens: JOC... e outros?

A morte de um movimento pode não significar o fracasso das pessoas. Não quero fazer juízos sobre a JOC ou outros movimentos que entretanto perderam vitalidade. Quando aqui cheguei já não havia JOC. De resto a Igreja é vida e o Espírito Santo suscita para cada época uma maneira própria de viver a fé. Uns movimentos morrem, outros surgem. Algumas estruturas organizativas deixam de exercer influência sobre as pessoas, mas o espírito de fé e a orientação moral aumenta noutras dimensões.

6. Salão Paroquial, a sua obra. Como vai de apólos locais e oficiais?

O salão paroquial é uma estrutura muito necessária nos nossos tempos. O processo que o fez surgir tem sido muito demorado e continua demorado o prosseguimento dos trabalhos. Têm havido ajudas oficiais muito importantes, como sabe. As ajudas da comunidade paroquial já vão neste momento num montante da ordem dos cinco mil e quinhentos contos. Ainda é muito pouco, é certo. Cerca de metade dos fangueiros ainda não deu qualquer ajuda, mas deve dizer-se que outra parte da população desta vila tem colaborado com muito bairrismo e generosidade. Talvez não tenha havido ainda aquela articulação que seria para desejar.

Bem sabe que é difícil ir de porta em porta pedir um donativo, e isto durante muitos meses seguidos. Estou convencido que a generosidade também vai passar por aqueles cuja ajuda tem sido nula ou re-

duzida. Aproveito a ocasião para lançar daqui um novo apelo a todos, porque neste mês as obras vão recomençar. Temos de momento um compromisso superior a seis mil contos que teremos de pagar em breve.

Sobre o salão criaram-se preconceitos que têm sido prejudiciais. Está posta de parte a ideia de comércio, de lojas ou garagens, e até mesmo os serviços médico-sociais. O salão está para serviço do público e não para negócios particulares. E o serviço público não é só a catequese, mas outras actividades que ajudam a uma perfeita formação humana e cristã em complemento da igreja. Muitas actividades que não têm cabimento na igreja, poderão ter lugar no salão paroquial como serviço que a Igreja presta ao povo.

É pena que alguns, tendo recebido tantos benefícios do salão anterior, e novos benefícios poderão vir agora a receber, venham de má fé envenenar a opinião publicando supostos projectos para a actividade do salão. Que ninguém se deixe enganar. Não andará a levantar dúvidas quem pretende encontrar pretextos para não dar a sua colaboração?

7. O senhor Prior não gosta de uma Igreja de fachada? Exterior? Pagã? As festas exteriores vão-se extinguindo...

A Igreja de fachada é uma hipocrisia de que não gosto. Mas a Igreja que se manifesta no exterior em procissões e actos solenes como reflexo da vida que vai nos seus membros, dessa Igreja gosto, e gosto das festas, e só lamento que ninguém tenha aparecido a promover a festa da Senhora da Bonança. Este ano ela há-de realizar-se com a procissão, missa festiva e os sermões que são de tradição, nem que tenha de ser promovida pela Fabriqueira. É injusto acusar-me de que sou contra as festas.

E a festa do Senhor de Fão?

Lamento que dois meses antes das festas se instalem barracas de jogos que viciam as crianças e os jovens. Ali vivem pessoas sem condições higiénicas nem defesas contra o frio em habitações desumanas. Os ambulantes que vivem nessa situação deviam ser acolhidos em habitações dignas e o funcionamento dos jogos devia ser mais disciplinado. Com essas festas não concordo.

8. Mas Fão não pode nem deve acabar com o seu catolicismo de... procissões, romarias e... foguetas de São João...

É mais fácil atribuir a terceiros culpas do seu próprio fracasso. Mas nessa não vou eu. Já alguma vez se deixou de fazer algumas foguetas de São João porque o Prior não quer? Era o que faltava...

9. Que futuro para o Sr. Prior e para a igreja de Fão? Dizem que se candidatou a Prior de Apúlia?

É natural que tenha sido ouvido sobre a hipótese de ser transferido para Apúlia. Isso nunca seria por minha iniciativa. O povo de Fão é maravilhoso, bairrista, educado, inteligente, de trato fino, e

(Continua na pág. 12)

7.º ANIVERSÁRIO

(Continuado da pág. 2)

Mas a vertente histórica e a sua correspondente devassa não esgotam a essência de um jornal. Um periódico regional como o Novo Fangueiro exerce uma acção muito importante de sentido ecuménico. Ele vai a todas as regiões onde vivem fangueiros, leva-lhes um abraço da terra mãe, mantém-nos ligados às suas raízes e evita sobretudo que os conterrâneos ausentes, com filhos, netos e interesses amoldados às regiões onde ora habitam, fiquem **virados para o lado de lá**. Nós temos ciência certa da ansiedade com que este pequeno jornal é esperado em terras estranhas e da ternura com que é lido e depois passado de mão em mão. Aliás já tem sido publicadas cartas de fangueiros ausentes onde esse estado de alma aparece bem demonstrado. Diremos mais: O Novo Fangueiro tem convertido ao fangueirismo muitos dos seus assinantes (e são mais do dobro) que aderiram à sua recepção sem razões impulsionadoras como seriam os laços familiares ou de residência.

Mas um jornal como O Novo Fangueiro é muito mais do que os aspectos já assinalados. Ele é, tem sido, um arauto dos interesses da vila, um fomentador de iniciativas que visem o engrandecimento local — estamos a lembrar por exemplo a criação da Cooperativa — e finalmente um crítico de actividades que não se ajustem aos melhores interesses da terra.

Será que ao fim de sete anos nós poderemos dizer que O Novo Fangueiro terá cumprido estes desideratos que acabam de ser enumerados? Teremos por isso a consciência do dever cumprido?

Respondemos dizendo que o nosso empenho, as linhas de força desencadeadas, vão todas nesse sentido. Se atingimos as metas ou não, isto é, se a nossa capacidade coincidiu com a vontade que nos tem animado, o leitor o dirá, lembrando, porém, nós que já Campoamor dizia: «Tudo depende do cristal com que se mira».

(1) Fernão Lopes, crónica de D. João I — Ortiografia original.

PASSEIO DE ESTUDO A LISBOA

Os alunos, rapazes e raparigas, da Escola Primária n.º 1 de Fão foram de longada até Lisboa. Partiram no dia 7 e regressaram no dia 8.

Viajaram no Alfa, tanto na ida para lá como na vinda para cá (Porto-Lisboa). Tiveram uma audiência em Belém com a esposa do Presidente da República, dr.ª Maria Barroso, visitaram o Aquário Vasco da Gama, a Torre de Belém, o Museu da Marinha, o Museu dos Coches e o Jardim Zoológico onde presenciaram as acrobacias e diversões dos já famosos golfinhos que vieram de Miami. Desse espectáculo poucos fangueiros se podem gabar.

Ao que nos disseram, a viagem foi gratuita o que se ficou devendo à magnanimidade de algumas entidades oficiais e particulares e ao empenhamento da Directora da Escola D. Maria José Borda Rodrigues que teve o condão de superar os variados escolhos que lhe foram surgindo ao longo do trajecto das demarches efectuadas.

No próximo número daremos notícias mais desenvolvidas.

CARTAS AO DIRECTOR

Ex.mo Senhor
Director de «O Novo Fangueiro»

Pela presente venho solicitar-lhe o obséquio de autorizar a publicação do seguinte:

ESCLARECIMENTO

«Como é do conhecimento público, tem sido promovido, de há uns anos a esta parte, um momento que se pretende de diversão e designado por «Testamento do Judas», que já vem criando certa fama e motivo de atracção de muita gente de fora.

Também é sabido que esta iniciativa se deve à nossa Associação dos Bombeiros, que me tem incumbido da feitura do referido «testamento».

Foi sempre minba intenção não melindrar nem ridicularizar quem quer que seja visado pelos escritos, porque todas as pessoas ou instituições me merecem o maior respeito e consideração. O que pretendo, isso sim, é apenas realçar algumas particularidades, ou atitudes que andam na boca de toda a gente e que sugerem, de uma forma mais ou menos velada, um comentário ou uma crítica, se assim se preferir, também mais ou menos mordaz ou satírica, de certa personalidade ou instituição.

Neste trabalho, tenho sido apelidado de brando, macio, anódino e pouco interventor; que deveria pôr mais «pimenta» à moda fangueira e empregar um fraseado mais atrevido.

Todavia, sem sair da linha que norteou este trabalho, tenho de admitir que talvez tenha sido algo incisivo, o que também não agrada a algum atingido. Não pretendo ter a veleidade de agradar a todos, porque isso seria utópico, mas tenho de correr o risco de ser polémico, uma vez que emito opiniões veiculadas em documento público e sujeitas a julgamento dos ouvintes ou leitores.

Contudo, assumo, como sempre foi meu timbre, plena responsabilidade do que faço e nunca me eximi de enfrentar as consequências advenientes das minbas atitudes, felizmente, sempre ponderadas.

Nunca a Instituição que promove esta iniciativa, me impôs normas quanto à forma como devo elaborar o «testamento», nem tão

pouco exerceu sobre a minba pessoa qualquer tipo de pressão, ou censura, o que até seria legítimo, em defesa da sua honorabilidade.

Porém, este ano, uma circunstância «anómala», traduzida por uma atitude inqualificável de dois indivíduos, veio alterar a composição do texto do «Testamento do Judas 1991», do qual foram omitidas várias quadras, introduzidas outras de sua autoria, que provocaram alterações na sequência do texto e culminou com a aposição de uma quadra final, de expressão soez e que eu nunca seria capaz de proferir.

Pois caros Fangueiros, os autores desta façanha indigna foram os Senhores Armando Solinbo e Armando Barbosa, que, aproveitando a minba ausência e num requinte de má fé, assim me traíram, a pretexto, segundo me disseram, de não criarem problemas ao Povo do seu bairro, o Ramalhão.

Habituei-me, desde já trinta anos, a sentir o carinho, o bairrismo, a hospitalidade do Povo Fangueiro e, por isso, a convite de todas as instituições de Fão, sempre colaborei e servi, com toda a minba dedicação. Mas, neste momento, eu sinto-me magoado com o que sucedeu e ofendido na minba sensibilidade e penso que o comportamento dos referidos senhores não é minimamente consentâneo com a maneira de ser do Povo desta minha linda Terra.

Quero aqui manifestar publicamente o meu repúdio, por esta ocorrência infeliz, para salvaguardar da minba dignidade e da Instituição que eu servi, para que possa assumir a minba responsabilidade em plenitude. Se sou um «alvo a abater» digam-mo abertamente, mas prometo-lhes que serei difícil de decer a coacções.

O Povo de Fão tinha o direito e o dever de saber disto que se passou, para poder julgar com verdade os factos e as pessoas e foi apenas com este propósito que me dispus a este esclarecimento».

Sr. Director: a atenção dispensada e o espaço que me concedeu, espero que sejam para bem de Fão. Muito obrigado.

Subscreve-se com estíva,

Carlos Rodrigues Palma Rio



REIMELI

EQUIPAMOS HOJÉ AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVAÇÃO 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVAÇÃO 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 69 81 05-69 10 16-6 37 48 — FAX 667385
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Neste mês já se aproxima a recta final para atingir a meta neste ano escolar. É também neste mês o dia da mãe. Esperamos bons resultados nos estudos, uma linda prenda para as vossas mães!

A EXPEDIÇÃO

Por ROSA MARIA A. COSTA

(Continuação do número anterior)

Voltei para trás, mas nada! Não sabia eu que estava cada vez a andar mais para a frente, pois com as voltas que tinha dado, estava no sentido contrário. Pois é. Pudera eu não encontrar o «Grande Lago», se estava a andar na direcção oposta!

Já transpirava abundantemente quando (e qual não foi o meu espanto!) vejo a minha fiel companheira, a Lassie, a minha querida cadelinha.

Coitadinha! tinha seguido o meu rasto até aqui. Nesse dia, eu não a tinha trazido como de costume, deixara-a presa. Mas ela, certamente preocupada comigo, lá se conseguiu soltar e veio em meu auxílio.

Como me senti feliz!

«Lassie — disse-lhe eu — leva-me por onde entraste.

Ela, seguindo o seu próprio rasto, encontrou o caminho num abrir e fechar de olhos.

★

— João, ó João! — oiço uma voz aos meus ouvidos. — Tu estavas a dormir, rapaz?

Era a minha mãe, que já estava a chamar-me há bastante tempo.

— Não, mãe, estava... — interrompi-me e concluí: — Pois, decerto adormeci mesmo...

FIM



Desenho de Isabel M.

PAUSA PARA SORRIR

Um director-geral de saúde visita um hospital psiquiátrico. Mete conversa com um internado recém-curado, que vai ter alta nesse dia:

— Então, estás contente por te ires embora? — pergunta-lhe.

— Se estou! — responde o ex-doente — vou voltar para o pé da minha família, para o meu emprego, estou contentíssimo!

E pensando um pouco, pergunta ao seu interlocutor, ao homem que tinha metido conversa com ele:

— E o senhor quem é, para me estar a fazer perguntas?

— Sou o Director-Geral de Saúde — responde o homem.

O ex-doente olha para ele com imensa pena e diz:

— Ó desgraçado! Não te safas daqui com menos de 15 anos! Eu, que só tinha a mania de dizer que era enfermeiro tive que cá estar 5, que farás tu, que te julgas muito mais!

★

O patrão manda um empregado novo levar 2 cartas ao correio.

Quando este regressa, o patrão pergunta-lhe se cumpriu a incumbência.

— Sim, senhor, patrão. Só houve um pequeno problema: o funcionário do correio chamou-me a atenção porque o patrão tinha posto o selo correspondente à carta para França na que era para cá e o mais barato na carta para a França.

— E tu mudaste os selos, não é verdade? — pergunta o patrão.

Não, patrão; estavam muito colados, não saíam. Mudei mas foi os endereços das cartas...

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

MEU AMIGO

Foste um dia meu amigo

E companheiro.

Foste a força onde ancorei

A minha dor.

Foste a fonte onde bebi

A água fresca

Que tirou da minha boca

O amargor.

Levaste dos meus olhos

A tristeza

E as lágrimas que não pude conter.

Hoje és mais:

És a fogueira que acendeste

No meu peito e que arde sem cessar.

És a chama que ateia

As minhas boras vazias

Que não deixam de passar.

És o meu mundo,

És tudo em meu redor.

E serás toda a vida

Tudo o que me faltar.

SU

APELO

Ah, se eu pudesse sair daqui!

Se eu pudesse mudar tudo e ficar!

Se eu pudesse deixar de sufocar!

Quem me dera poder transformar

O fumo em pedaços de terra

Que em si a Vida cerra!

Como eu gostava de mudar o Mundo!

De impedir os homens de o destruir!

De não o deixar ruir!

Porque é que o Mundo é a Morte?

Porque é que não o impedimos?

Porque é que à Natureza não sorrimos?

Vamos mudar a nossa sorte!

MARTA

OBRAS EM CURSO

Já começaram as obras da rua das Rodas. Ela já existe, mas vai ser asfaltada e alargada. Parte da Rua Artur Aires até ao largo das Rodas propriamente dito. Depois flecte para a Avenida António Veiga, passa pra baixo da mesma — o arco (é cimbre que se diz, não é?) já está a ser construído no Porto — e segue até ao tunel que já existe perto da ponte.

★

A Junqueira, a partir do extremo poente da antiga fábrica, foi vedada ao trânsito automóvel por meio duma série de estacas colocadas desde a avenida António Veiga até ao rio. Nela (Junqueira) foram plantadas 370 árvores, choupos, plátanos, e outras quejandas, isto é, adaptáveis às condições mesológicas daquela zona. Também vão ser disseminadas dezenas de bancos. Iguamente foi desfeita a rampa que dava acesso àquele terreno, situada a montante do Hotel do Pinhal.

Quer dizer: há tempos foram proibidas as vacas de Grandra de irem para lá pastar. Agora são os automóveis. Dizem os responsáveis e quem quiser ir para a Junqueira pescar ou lanchar pode ir a pé.

E os que iam para lá tirar picos? Não têm direito à vida?

★

Entre a fábrica, ou seja a antiga fábrica e a nova estacaria vai ser construído o posto náutico que comportará dois tanques, salas e o local para guardar os barcos. Dizem-nos (da parte da Junta) que as obras vão iniciar-se em Agosto.

★

O dito posto náutico estava para ser construído no Bom Jesus, no terreno cedido pelo António Miguel e que anteriormente pertencia às Sr.as Campos. Perto da casa do Raúl. Aí vai ser erigida a Pousada da Juven-

tude cuja construção já foi posta — dizem-nos — a concurso. Já começou.

Esse terreno estava destinado a outras funções: posto náutico, ginásio desportivo e recinto de diversões nas festas do Bom Jesus. Vimos este ano o jeitão que deu ao êxito das festas do Sr. de Fão. Eram pistas de carrinhos até ao rio.

Bem, o posto náutico já arranjou sítio, o poli-desportivo também há-de encontrar lugar, mas as futuras comissões de festas não disporão de local para instalar as pistas como aquele. As festas do Bom Jesus duram dois dias por ano, é certo, e uma Pousada de Juventude será para toda a vida. Cremos que a opção assumida foi a mais lógica. E se se fizesse o contrário, isto é, se se colocasse a Pousada no recinto onde vai ser construído o Posto Náutico e este viesse ocupar o local que previamente lhe estava destinado? Não será fácil adquirir o terreno da antiga fábrica? Será difícil obter mais terreno no Bom Jesus?

É que as festas com o alargamento que este ano tiveram adquiriram uma dimensão extra-concelhia que lhe conferiram fama digna de registo.

Foram retiradas do leito do rio, em frente aos Bombeiros, várias toneladas de pedra com o auxílio de uma cavadora mecânica. O objectivo em vista é facilitar o trânsito fluvial junto à margem esquerda.

O «entulho» vai ser levado e aplicado nas obras da nova ponte que já se iniciaram acima da Abarrosa.

★

Já que estamos com a mão na massa queremos fazer uma referência às obras do «chalet». Já ficaram prontas as moradias, ou melhor aquele lanço de habitações que foi levantado paralelamente à estrada n.º 13. Estava previsto um segundo «comboio» do lado oposto ou seja, paralelo à estrada do Bom Je-

sus. O certo é que, ao contrário do que se pensava, o projecto para estas últimas obras não foi ainda autorizado pela Câmara. E não vai ser de certeza. E isto porque na sequência de uma Assembleia de Freguesia realizada nos Bombeiros há meses foi decidido ou prometido que em Fão, interior da vila, propriedade horizontal, nunca mais.

As obras na Alameda deviam ser condicionadas e concebidas a partir da posição e traça do chalet. Nada disso foi feito e até se pensou deitar abaixo este pequeno edifício. Francamente neste momento não vemos que seja pacífica a sua manutenção face às construções já realizadas. Dizia-nos há dias o nosso conterrâneo António Sá Pereira, que também percebe da poda, que o ideal para a alameda seria a plantação de árvores e a colocação de bancos a preencher quer o centro quer a tal ala onde se ia erigir novo comboio. Se houver espaço para uma cafetaria, melhor.

Claro que tanto a Junta como a Câmara terão que haver-se com o dono do terreno. É preciso dizer-lhe que Fão não é a terra da Joana onde qualquer um faz aquilo que quer e vem extorquir o dinheiro da maneira mais fácil.

É verdade que aquela construção feita à frente das escolas Amorim Campos constitui um crime irreparável. Tanto merecia prisão o empreiteiro que a está a construir como a entidade que o autorizou. Às vezes perguntamo-nos se ainda vale a pena incomodar-mo-nos com estas coisas. É que realmente lutar contra a erecção de um novo «comboio», deixando ficar aquele braço de ferro que referimos atrás torna a nossa posição ridícula.

Dizem-nos que os empresários já não querem construir casas em Fão. Lá na terra há muita burocracia e dificuldades para tudo. Que vão para o raio que os parta. Já repararam naquela casa junto à pastelaria do Sr. Carvalho, lado poente? Está um luxo e consentâneo com a peculiaridade de Fão. Desses construtores é o que nós queremos.

Sejam bemvidos.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE

TEL. 053 - 96 14 73/4

TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

DE APÚLIA

ÓBITOS — *Faleceram em Apúlia, desde as últimas notícias publicadas neste jornal, os seguintes conterrâneos: no dia 9 de Março, no lugar de Crlaz, o Senhor António Gonçalves Martins, nascido em 27 de Março de 1908, filho de José Gonçalves Martins e de Maria Joaquina Gonçalves. Era viúvo de Maria Joaquina.*

— *No mesmo lugar de Crlaz, no dia 20 do mesmo mês de Março, a senhora Maria Lopes de Miranda, solteira, nascida em 6 de Março de 1908, filha de José Gonçalves Miranda e de Adélina Lopes de Miranda.*

— *Em 14 de Abril, no Lugar da Igreja, a senhora Maria de Jesus Pereira, nascida em 5 de Junho de 1925, filha de Fernando Alves Pereira da Silva e de Inês de Jesus Tarrío. Deixa viúvo o senhor Carlos Elras Fradique Ribeiro, há muitos anos residente no Brasil.*

ADMINISTRADOR PAROQUIAL — *Parece que foi ontem, e já lá vão três meses que a morte levou de entre os seus, o Pároco de Apúlia, Reverendo Manuel Alberto Gonçalves da Silva. Os apulenses não esquecem facilmente, e, aos domingos, são muitos os que vão de romagem de saudade à sua campa, no cemitério de Apúlia.*

Entretanto, desde o seu passamento, vem presidiendo a toda a vida religiosa da paróquia, o senhor Padre José Pereira Vilar, pároco da vizinha Fão, missão que tem cumprido com muito empenho e com agrado geral de todos os apulenses.

Diz-se (e nota-se) que também tem sido muito e bem auxiliado pelo Conselheiro Paroquial, composto pelos senhores Alcindo Alvim Maia, José Rebelo Macbado, Manuel Alberto da Silva Moreda, Manuel Alves de Oliveira e Manuel Ferreira Gonçalves Moreira, confirmados nos respectivos cargos pelo Prelado da Diocese, ainda antes da morte do nosso Prior.

AINDA A PÁSCOA — *Com o respeito e anstiedade do costume, mas talvez com um pouco menos de alegria (há coltas que não se esquecem facilmente) decorreu normalmente mais uma visita pascal em Apúlia.*

No entanto, um facto que nos pareceu inédito e que todos gostariam de ver continuado para o futuro, foi a saída de quatro cruzeiros, para o lugar de Crlaz, uma, lugares de Paredes e Igreja, outra, e duas para o Lugar da Areia. Entretanto, num gesto que caiu muito bem na comunidade apulense, foi a vinda a Apúlia, presidir à Vigília Pascal, do senhor Bispo Auxiliar de Braga, gesto que muitos de nós interpretamos como de homenagem da Diocese à memória do nosso Prior, e de apreço pela paróquia de Apúlia.

ACIDENTE DE VIAÇÃO — *Foi vítima de grave acidente de viação, há dias, na zona de Cedovém, o senhor Carlos Correia Gomes Deveza, comerciante da nossa praça, e do qual saíram gravemente feridas, a sua esposa Alexandrina Alves Alegre, e uma jovem familiar.*

CASAMENTO — *Em Esposende, na Matriz daquela vila, de onde a noiva é natural e residente, casaram-se os jovens José Augusto Campos Azevedo, e Paula Alexandra Lopes da Silva Miranda, ele natural de Apúlia e filho de José Fernandes de Azevedo e de Maria Alice Peixoto da Silva Campos, ela filha de Manuel Lopes da Silva Miranda e de Maria Adelaide Ferreira da Silva Lobo.*

Ao jovem casal, que fixou residência em Esposende, desejamos um porvir de felicidade.

FUTEBOL — *Com a vitória por 1-0 sobre o Ribeirão, uma equipa que no Princípio do Campeonato era considerada como favorita à subida de Divisão, tal foi o seu investimento, o Desportivo de Apúlia pode considerar-se livre da despromoção, que há meses pairava como inevitável.*

Parabéns aos atletas do Desportivo de Apúlia e aos seus dirigentes, que sempre acreditaram, que foram incansáveis.

OBRAS — *Está garantida a construção do edifício para o Posto de Saúde de Apúlia, que, como já foi tornado público, será implantado na rua da Agra, mesmo no centro do lugar da Igreja.*

E o seu início, garantem-nos, vai ser ainda este ano.

— *Garantida, também, está a construção, tal-*

vez ainda este ano, do bairro social e casas de renda económica, um pouco a sul do largo do Cruzetiro, nos terrenos das «Caravelbas», que já foi comprado.

— *Também já foi definitivamente escolhido o local onde vai ficar a estação de tratamento do saneamento e das águas residuais, obras que se anunciam para breve e que muito vão beneficiar a nossa terra, que se diz vocacionada para o turismo.*

FESTAS DE ANIVERSÁRIO — *Diz-se que as mulheres nascidas em Abril são simples, graciosas, comunicativas, sem complexos. Todas? Certamente que não. Mas algumas certamente que sim, como muitas vezes o temos testemunhado...*

Festou o seu aniversário natalício no dia 18 (de Abril, claro), e como já o fizera no ano transacto, com as pessoas com quem convive no Café que diariamente frequenta com o marido.

Houve bolo de aniversário com as tradicionais velinhas da praxe a serem sopradas pela aniversariante, D. Maria Fernanda Vale Matos Figueiredo ao som do «parabéns a você» cantado pelos presentes, num coro muito afinadinho...

— *Também no mês de Março, festejaram o seu aniversário natalício, a D. Maria dos Anjos Costa da Silva, e seu marido, senhor Sacramento, e também o fizeram com os mesmos amigos, no mesmo Café.*

Como o evento aconteceu na «quadra» de carnaval, o bombo da festa foram os «filbós»; mas, claro, também tiveram bolo de aniversário, as velinhas para soprar, e os «parabéns a você»...

As pessoas que lerem estes apontamentos e que não conheçam, podem ser levadas a pensar que o dito Café também é restaurante. Não é. É só e apenas, Café; mas um Café «sui generis». Ali, os fregueses habituais formam quase uma pequena família. E muitas vezes discute-se: política e políticos, futebol e clubes, a terra e o seu crescimento. É assim, em sentido figurado, e salvo as devidas distâncias, uma pequena «cervejaria de Munique»... sem conspiradores.

O seu proprietário, não sendo o mais velho é o «Patriarca» essa família. Senta-se à mesa com os clientes, convive e discute com eles e... tem sempre razão!...

As discussões maiores são quase sempre devidas e por causa dos gostos «coloridos» de cada um... uns gostam da combinação do azul com o branco (sempre em maioria), outros do encarnado com o branco, outros (a maioria), do verde com o preto... por causa disso, e porque nenhuns são daltónicos (nem gagos), às vezes fala-se alto e bom som...

Também a não ser assim, alguns dificilmente seriam ouvidos...

Entretanto parabéns aos aniversariantes. E por muitos anos.

POEMA

*Quem ama realmente, enche de rosas
Os agrestes caminhos da existência,
Quem faz versos à luz, torna formosas
As noites ensombradas de dolência.*

*Quem vive de esperança, vencerá,
Quem suspira p'la meta, há-de chegar,
Quem abre o coração, receberá,
Quem busca a fonte, a sede há-de matar.*

*Quem caminha seguro, forma estrada,
E sobre abismos fundos, ergue pontes,
Rasga na treva novos horizontes
E faz nascer a eterna madrugada.*

DINIS DE VILARELHO

Gondomar, 16-05-1988

DESPORTO

por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Últimos resultados: Fão, 0 - Aveleda, 1; Marinhas, 1 - Fão, 1; Fão, 3 - Apúlia, 2; Lagense, 0 - Fão, 1.

Tal como prevíamos, os jogos com o Marinhas e o Apúlia iam ser difíceis, mas o Fão, actuando muito bem, conseguiu a pontuação máxima (quanto a nós) nestes dois jogos entre vizinhos onde a rivalidade e os nervos imperam, e, como tal, os resultados são sempre imprevisíveis. Das Marinhas até podia ter trazido a pontuação máxima, já que os visitados só conseguiram empatar a poucos segundos do fim. Com um pouco mais de sorte a nossa equipa desforrar-se-ia do resultado da 1.ª volta.

Com o Apúlia, de início, tudo parecia que ia ser mais simples, já que a equipa da casa chegou facilmente aos 2-0 e, como estava a jogar muito bem, ninguém esperava que a equipa visitante chegasse ao empate tão repentinamente, mas os visitados muito merecidamente obtiveram uma vitória justíssima com a marcação do 3.º golo.

Em relação aos outros dois encontros, foi tão brilhante a vitória alcançada no Lagense, quanto desastrosa foi a derrota sofrida em casa perante o modesto Aveleda.

E depois desta análise e feitas as contas, continuamos a verificar o quanto de positivo tem sido a 2.ª volta deste campeonato. Mercê disso o Fão conseguiu alcançar o 5.º lugar de parceria com o Marinhas e apenas a 2 pontos do Antas que é o 4.º classificado.

Foi este o prognóstico que fizemos a partir dos primeiros jogos da 2.ª metade da prova.

Na próxima jornada o C. F. de Fão vai receber o Merelinense, 1.º Classificado.

CANOAGEM

Com a participação de dezenas de clubes, e centenas de atletas nas várias categorias, disputou-se o Campeonato Nacional de Fundo que teve lugar na Lagoa de Óbidos no passado dia 7 de Abril. O Clube Náutico de Fão teve uma presença meritória conquistando o 3.º lugar colectivamente, e individualmente mais um título de campeão nacional, através do seu atleta júnior Belmiro Penetra.

Os atletas do Clube Náutico de Fão obtiveram as seguintes classificações:

K1 seniores (10.000 m) — Lázaro Penetra, 8.º e Gustavo Costa, 25. C1 seniores (10.000 m) — Emílio Araújo, 2.º e Carlos Vieira, 3.º. K1 juniores (10.000 m) — Belmiro Penetra, 1.º; Luís Sousa, 2.º; Luís Faria, 4.º e António Roxo, 13.º. C1 juniores (10.000 m) — António Ferreira, 3.º. K1 cadetes (5.000 m) — Miguel Pedras, 11.º; Artur Hipólito, 25.º; José Serra, 27.º e João Santos, 28.º. C1 cadetes (5.000) — Hugo Moreira, 4.º.

Integrados na selecção nacional da modalidade encontram-se a disputar provas na Bélgica os atletas juniores do C. N. de Fão, Belmiro Penetra, Luís Sousa e Luís Faria.

★

O Clube Náutico de Fão, deslocou-se a Ponte de Lima (no dia 1 de Maio) para disputar uma prova de fundo a nível regional. Colectivamente obteve o 2.º lugar e individualmente os seus atletas tiveram as seguintes classificações: K1 seniores — Lázaro Penetra, 2.º; João Anunciação, 5.º e Gustavo Costa, 6.º. C1 seniores — Emílio Araújo, 2.º e Carlos Vieira, 3.º. K1 juniores — António Roxo, 3.º e João António Ferreira, 4.º. C1 juniores — António Ferreira, 1.º. K1 juniores (femininos) — Elizabeth Catarino, 3.º. K1 cadetes — Miguel Pedras, 1.º; Artur Hipólito, 3.º; João Santos, 4.º e João Serra, 6.º. C1 cadetes — Hugo Moreira, 4.º.

RESCALDO DAS FESTAS

Ainda se conserva na mente de muitos a recordação bem viva dos ricos e variados números das Festas do Senhor de Fão. Já falámos da Noite Fanguieira ocorrida no sábado, 23 de março.

Já demos também um pequeno «toque» no Desfile Etnográfico que preencheu a tarde de domingo, 24 de Março. No dia 31, domingo, também, seguiu-se, a partir das 21 horas, a Via Fado, com interpretação de números das Revistas Fanguieiras com Fados e Guitarradas nos locais típicos de Fão. Por môr de uma enxaqueca (a ferrugem começa a apertar) não pudemos estar presentes mas dizem-nos que foi um número bem conseguido. Juntou-se muita gente que acompanhou embevecida aquela «via sacra» do fado pelas ruas de Fão. Cantaram-se as árias que já fazem parte do património cultural da terra: Sinos, Escadinhas, Trapinhos, Pedra Alta, Ninhos, Serões da Tia Leonor, os Pátios, Fão Antigo e ainda o Hino Nacional da Terra: «Ó Fão Antigo».

Percorreram-se o Pátio da Areosa, Escadinhas do Cais, Pedra Alta, Cortinhal, Rua dr.

sadas» a aproximarem-se dos setentas. E depois evocam outras gerações já passadas que eternizaram esses espectáculos. O último abencerragem de outras eras foi o Zé Maia que durante anos a fio se constituiu na memória ou no baú desse recheio artístico. Por toda esta carga memorativa o povo fanguieiro se emociona.

Esta Via Fado a que nos vimos reportando, para além de proporcionar arte que a todos, de fora e de dentro da Terra, encantou, teve outro mérito; o de transmitir aos mais novos o facho do património cultural fanguieiro que os antepassados criaram e que eles devem continuamente enriquecer e lembrar.

No sábado, 6 de Abril, foi a vez das «marchas». À hora marcada, 21,30 h., já a Av. Dr. Manoel Paes estava coalhada de gente. De Fão e de fora. Começam a ter fama e por isso tornam-se já imprescindíveis. Exhibiam-se quatro grupos. O do Infantário ensaiado pelo proprietário da fábrica de carteiras Morais. Muito certinho, encantador, embebeceu os respectivos papás. Os fanguieiros rejubi-

mando Barbosa, Barbosa que tem que se mentalizar que ali era sobretudo um actor. Os risos, o donaire são (devem ser) apanágio das mulheres.

Finalmente as Pedreiras. «Lá ao longe já se avistam / O que-larão das fogueiras / Afinai essa garganta / Raparigas das Pedreiras». As Pedreiras tem tradição — diz-nos a quadra. Têm simplicidade. Têm o seu orgulho.

E disso deram exuberante mostra.

Durante um mês a fio, todas as noites, ensaiaram as modas que ali foram exhibir. Vem de longe a fama das raparigas das Pedreiras. Estamos a lembrar a Diva, a Anginha, a Cândida Gaifém e acima de todas o Zé Água Doce. Faltam-lhes quadros médios e por isso foram buscar o Moisés, que se integrou na mentalidade daquele «ecossistema populacional». Uma das coisas que mais nos impressionou foram as roupas. Rapazes e raparigas vestidos a rigor.

A nota «20» para todos os grupos.

NOTAS

COMISSÃO DAS FESTAS

Como já temos referido, estas foram as melhores festas de sempre. Pela quantidade, diversidade e nível dos seus números. Dois factores também ajudaram: bom tempo e aquele espaço ali onde vai erguer-se a Pousada da Juventude.

Justo é que os nomes que constituíram a Comissão fiquem gravados para todo o sempre. Vamos citá-los pela ordem em que os mesmos nos foram citados: José Artur Saraiva Marinho, Fernando Pieira, Alberto Mota, Manuel Morgado, Rogério Morgado, Maria Armada Gaifém, Ana Maria Pieira, Álvaro Campos, João Campos Estreves, Aurora Silva, Maria José Borda Rodrigues, dr.ª Fernanda Borda Rodrigues, Conceição Peixoto, Carlos Palma Rios (filho), Miguel Pereira, Judite Esteves, António Peixoto, Isméria Sá Pereira e Fernando Mendanha.

É possível que, sendo muita gente, alguns nomes nos tenham falhado. De qualquer modo consultámos várias pessoas, José Artur, João Pedras, Zé Barbeiro, Isméria Sá Pereira e Ana Maria Pieira que nos forneceram a lista acima enumerada. Se falhou alguém, esperamos que não nos rogue pragas nem devolva o jornal: foi sem querer.

JÚRI DO VESTIDO DE CHITA

O Júri do Vestido de Chita foi formado pelas seguintes pessoas:

Dr.ª Margarida Reis, Rui Caseiro, Adelaide Barrote e o representante de Pierre Cardin em Fão, João Pedras, nosso prezado colaborador.

A lista dos premiados: 1.º - **Texalves**; 2.º ex-aequo - **Top Model** e **Bom Tom**; 3.º - **Sonho de Bebê**; 4.º - **Casa Solinho**.

MONTRAS

Júri: Pedro Esteves e Vilar Pires.

Classificação: Prémio de Criatividade - **Sapataria Mibel**; Prémio de Originalidade - **Top Model**; menção honrosa - **Florian**, **Casa Solinho** e **Esperança Cubelo**.

MARCHAS

Areosa — Ensaiaadores: Carlos Palma Rios (pai e filho) e Augusto dos Santos Araújo.

Ramalhão — Armando Solinho e Armando Barbosa.

Pedreiras — Moisés António Vareiro dos Santos. Organização: ASP - Águias Serpa Pinto.

Grupo do Infantário. Responsável: Morais.



O já famoso tapete de flores dos já famosos irmãos Matias

Barros Lima, Largo Amândio Teixeira, Casa da Zairinha Turra e o pátio da Tia Leonor (Ramalhão).

O grupo dos cantares era formado pela Cáni (ela não gosta que lhe chamem Cáni-Cáni), Maria do Céu, Lili, Tininha, Dulce e Carlota. O naipe dos homens incluía as principais vedetas de Fão: Solinho, Barbosa, Sérgio e Carvalho (que é feito do Florêncio?). O Marcos Reis e a Maria Rosa da Silva ainda fizeram uma perninha.

Cada lugar foi contemplado com canções apropriadas. Toda a gente — e era muita — participou nas cantorias. Havia emoção a rodos. Asseveraram-nos que muitas pessoas estavam com lágrimas nos olhos. Não nos admira. São canções para todo o sempre que bolem com a sensibilidade dos fanguieiros. A alma de Fão também está ali naquelas canções. Elas fazem lembrar as «revistas» antigas com os seus interventores mais em destaque: Ernestino Sacramento, Lamek, Penetra, Querubim Evangelista, Vinha dos Santos e as pequenas actrizes desse tempo que se transmudaram em mulheres, já bem «pe-

laram também. Ali está o futuro artístico de Fão.

Depois entraram as marchas da Areosa, do Ramalhão e das Pedreiras, uma de cada vez. Sim, senhor. Ficamos contentes com a presença das Pedreiras. Acabaram-se as perrices e a moçada da Rua Serpa Pinto mostrou o que vale.

A exibição dos três grupos agradou plenamente. Por trás daquela exibição estavam semanas de muito trabalho, de muita mobilização, de muito entusiasmo. O grupo da Areosa foi ensaiado pelos Palma Rios (pai e filho) e ainda por Augusto dos Santos Araújo. A letra e a música tinham a assinatura de Carlos Palma Rios. Muito garbo, disciplina e responsabilidade. Eles sabem que são os senhores cá do sítio.

Veio o Ramalhão. Tipicismo. Autenticidade. Representação. Os homens sobremodo foram acima de tudo actores. Não fizeram concessões à plateia. Entremearam marchas com uma pitada de revista. Por isso foram diferentes. Mesclaram-se de camponeses e pescadores. A responsabilidade dos ensaios distribuiu-se pelo Armando Solinho e pelo Ar-

GRAVE DESASTRE PROVOCOU A MORTE DE UMA CONTERRÂNEA E DE UM CASAL DE APÚLIA

A notícia correu célere na manhã de domingo, dia 5. A Cândida Gaifém morrerá na recta de Modivas, quando na companhia de 40 peregrinos, seguia a pé a caminho de Fátima. Eram 7 da manhã.

Um automóvel, vindo dos lados do Porto, começou a guinar perigosamente sobre a sua mão direita e acabou por se espatifar contra a parede, arrostando consigo um pequeno grupo onde seguia aquela nossa conterrânea acompanhada do casal de Apúlia Manuel Oliveira André, de 47 anos, e Maria Fernanda de Almeida, de 42 anos, e ainda de Maria Ludovina Fernandes Graça, esposa do Lino da Areia e de Carolina Santos Vale (a Lina do Ramalhão).



Cândida Fernandes Gaifém

A Cândida e o casal tiveram morte imediata ficando os seus corpos horrivelmente mutilados. A Maria Ludovina foi tocada de raspão e teve ferimentos ligeiros. A Lina sofreu um forte choque mas não apresentava escoriações. Veio para casa. A Maria Ludovina esteve primeiro no Hospital de Vila do Conde mas depois o marido foi buscá-la para o Hospital de Fão. Sofreu alguns derimentos, mas o seu estado não inspira cuidados. Os três mortos vieram para a morgue do Hospital de Vila do Conde.

A Cândida era uma pessoa estuante de vida. Com uma voz muito agradável tomou parte em vários espectáculos realizados em Fão. Um deles, se a memória não nos falha, foi a revista «Ora chupa que se apaga». A sua graça, donaire e à vontade enchiam os palcos.

Casada com António Carreira, teve oito filhos. Passado o ciclo maternal, voltou de novo às luzes da Ribalta. Ultimamente fazia parte do coral do Casimiro Matias que cantava no templo do Bom Jesus. A última vez que a vimos actuar foi no grupo dos «Reis» que se exibiu nas ruas de Fão na quadra do Natal. Estava de novo em forma.

A Cândida da nossa rua, cheia de graça, cheia de chiste era a alegria personificada. À sua beira ninguém estava triste. Infelizmente faleceu num estúpido acidente.

Deixa saudades em todos quantos a conheciam.

Deixa enlutada uma família estimada em Fão.

Que descanse em paz.

NOTA: no dia seguinte, 6 de Maio, às quatro da manhã foi atropelado também mortalmente na mesma zona, outro peregrino de Apúlia. Chamava-se José Gonçalves Ribeiro, o Zé de Apúlia.

VANDALISMO

Todos os dias a garotada vem jogar para a rua de Cima onde moramos.

Ao domingo, logo de manhã, fazem uma algazarra infernal. Partem vidros, sujam as paredes, enfim pintam a manta. Já temos ralhado com eles mas tem sido em vão.

No último domingo à tarde, em revanche pelos nossos ralhos, o carro do Director de «O Novo Fanguero» apareceu todos riscado com um prego.

Trata-se de um carro novo e vai ser precisa uma pintura total o que ultrapassa os 100 contos.

Por quanto tempo teremos de viver neste 3.º mundo em que se transformou a Rua de Cima? À falta de um G.N.R. local, solicitamos ao sr. Comandante do Posto de Espovente que mande efectuar uma vigilância mais aturada nesta freguesia. Isto é demais.

ENTRE NÓS

Vinda do Brasil encontra-se em Fão Ana Maria Miranda, que é filha do nosso conterrâneo, ausente no Brasil, Manuel Miranda.

Veio com seu marido Clayton Bastos de Carvalho. Já é a terceira vez que nos visita. Claro que gosta muito de Fão. E nós gostamos que ela venha mais vezes. E uma boa estadia.

AUMENTE O SEU COLESTEROL

Ora vamos lá dar mais uma tentação ao colesterol? Para isso começamos com o

ENSOPADO DE GALINHA À BRASILEIRA

Corta-se a galinha em pedaços, que se refogam em gordura, temperada com sal, pimenta, cebola, alhos, vinagre, salsa e tomates cortados às rodela.

Quando tudo estiver bem refogado e a galinha começar a corar, junta-se a água necessária para tudo ferver até a galinha estar bem cozida.

★

E quanto a doces, vamos ver uns biscoitos bons para acompanhar o chá:

BISCOITOS DE CHOCOLATE

Açúcar - 250 gramas. Chocolate em pó - 125 gramas (ou chocolate em tablete, mas raspado). Ovos - 10 gemas e 4 claras.

Depois de tudo misturado e bem amassado, fazem-se os biscoitos, dando-lhes a forma que se quiser e vão a forno brando, até cozerem bem.

Esperamos que o colesterol goste e dê a subidazinha que se impõe...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS

Cooperativa Cultural de Fão

No mês de Abril, dia 20, foram empossados os novos corpos sociais da Cooperativa Cultural de Fão. Os nomes: Direcção — Presidente - João Campos Esteves; Vice-Presidente - dr. Joaquim Gaifém Soares; Tesoureiro - Vilares Pires; Vogais - Ana Maria Peira e José Duarte.

Conselho Fiscal — Presidente - Eng. Adolfo Macedo; Secretário - dr.ª Rosa Maria Salgado Torres; Vogal - José Duarte.

Assembleia Geral — Presidente - dr. José Augusto Madureira; Secretário - Com.te Carlos Diamantino Bacelar Pires; Vogal - Rafael Oliveira.

Neste render de guarda é justo que se destaque o trabalho desenvolvido pelo vice-Presidente José Duarte que idealizou e fundou a Cooperativa e a quem se dedicou de alma e coração. José Duarte que é natural de Gilmonde e um verdadeiro *globe-trotter*, desde há muito que se apaixonou por Fão. Essa estima e carinho levam-no a comprar casas velhas na nossa terra e a recriá-las, mantendo a sua traça antiga. Destes construtores (ele não gosta que lhe chemem assim) é que Fão precisa. A primeira dívida de gratidão dos nossos conterrâneos para com este amigo de Fão começou nessa altura. Curiosamente os fangueiros principiaram a ter consciência de como se deveria construir na terra depois do exemplo e iniciativa deste gilmondense.

Mas José Duarte não se ficou por aí. Como atrás dissemos, lembrou-se de criar um órgão na nossa terra que fosse capaz de catalizar as tendências artísticas e culturais dos fangueiros. Este jornal, desde o princípio, deu-lhe todo o apoio e José Duarte passou assimdo sonho à acção. Com muito trabalho, perseverança e uma força de vontade acima do comum arranjou os sócios, estimulou a criação de uma Direcção e pôs a Cooperativa a funcionar. Teve um trabalho verdadeiramente ciclópico para legalizar o novo organismo.

O nosso jornal anunciava a data das reuniões, mas José Duarte, com uma canseira e paciência invulgares, ia a casa de cada um dos associados ou telefonava-lhes a lembrar-lhes e a pedir-lhes que não se esquecessem de comparecer. Fez isto durante dois anos a fio, apesar de sofrer do coração, apesar dos seus afazeres profissionais, apesar de não morar em Fão.

Graças a todo este trabalho, o Verão de 1989 foi um Verão de grande esplendor. É certo que teve alguns fangueiros que o ajudaram bastante. Mas o verdadeiro *pivot* de toda esta movimentação, de toda essa *movida*, foi sem dúvida José Duarte. Os fangueiros, desde os tempos de Coelho Alves, do dr. José Emílio Sampaio e Castro, do José Madureira, do dr. Rui Carrington, que não tiveram um Agosto assim.

Como filho de Fão, agradecemos a José Duarte toda esta dedicação posta ao serviço da vila. Pensamos que todos os fangueiros conscientes estão connosco.

Ao novo Presidente, o jovem João Esteves, o nosso muito saudar. Até que enfim os manos Esteves, a quem sobram muitas qualidades, aparecem a trabalhar pelas coisas da sua terra.

Seja benvinda, Ana Maria. Entre e sente-se. Está em sua casa. É com muito gosto que a vemos também responsabilizada nas coisas do burgo que lhe serviu de berço.

O Tenente-Coronel Bacelar Pires e o eng.º Macedo, ilustres bracarenses, mas com uma costela fanguera, foram igualmente arregimentados e vão com certeza ser elementos preciosos na realização das tarefas que a Cooperativa se proproser realizar.

Os restantes elementos, fangueiros ou amigos de Fão, entrosam uma equipa que vai continuar a animar a antiga cidade, diz a lenda, das Águas Celenas.

CONVITE PARA O AMOR COMENTÁRIO AO PÉ DA NOTÍCIA

Passeava o conspícuo Prof. Elias ocupado com o seu quilo digestivo, quando foi abordado por uma ninfa desvairada, toda de branco, querendo arrastá-lo para lugar ermo, certamente para confraternizar suas ânsias voluptuosas ou, quem sabe, para rezar suas orações vespertinas. O lugar era impróprio, convenhamos, tanto para movimentos frenéticos como para concentrações piedosas. Ambas as situações são avessas tanto a plateias curiosas como a passantes distraídos. Só o ermo serve para extáticos epílogos de momentos tão sublimes. Daí, a explicação da agressão insólita sofrida pelo nosso querido professor no momento em que passava à frente da nossa velha escola de tão gratas recordações para mim.

No episódio, o que espanta, é a evolução da audácia femenina e o «charme» que deve ter meu querido primo Elias, Beirando os 80 anos ainda desperta ardorosos e efusivos arroubos mesmo que estes fossem só para rezar. Francamente, se a notícia não tivesse a procedência honesta e criteriosa de «O Novo Fanguero» eu não acreditava na sua veracidade.

Oh Fão pacato e sereno da minha infância! Quem te viu e quem te vê! Assaltos estéricos e volutuosidades incontidas não existiam, nem em sonhos! Os passatempo de então eram rezas, procissões e cultos religiosos que o nosso saudoso Prior Nogueira patrocinava com muito brilho e competência. Meu Fão amado, para onde vais?! Onde está o respeito e a veneração aos velhinhos de 70 e mais anos? Dá-me medo ir a Fão e ser atropelado por uma ninfa louca e desvairada, possuída por devaneios loucos e fantasiosos...

Meu Caro Director Armando Saraiva: Fanguero de coração e nascimento.

Primo do Prof. Elias, não resisti ao comentário que acima faço. Certamente a TV tem muito a ver com essas coisas mas, também reconhecamos, os tempos são outros e o meu Fão é de 1928, com uma brevíssima visita feita em 1986 que espero renovar em breve.

Um abraço e sucesso

Costa Lopes

NOTA DO DIRECTOR

Caro conterrâneo: a sua carta, outras cartas de fangueros ausentes, são-me muito preciosas. O meu maior desejo é que O Novo Fanguero evite que os filhos de Fão, ausentes da terra, fiquem virados para «o lado de lá» e que esqueçam o Fão amado.

por isso regosijei-me imenso com o anúncio da sua próxima visita.

Lamento dizer-lhe que o Prof. Elias, em face da maneira como passa por mim — faz de conta que não me vê — não gostou da notícia. Ela é verdadeira, foi-me contada por um seu amigo, e Fão riu-se um bocado com a história. É possível que a camisa não tenha ficado toda rota, mas eu, com aquela expressão, só pretendi eufatizar que o amigo Elias resistiu quanto pôde à sanha da enfurecida ninfómana. Estou a aceitar que o povo de Fão sorriu só porque o prof. resistiu. Disseram-me que nos dias seguintes à saída do jornal, era uma romaria de homens a correr para aqueles lados a ver se lhes saía a «taluda».

Creio e espero que o seu texto, vindo de tão longe, faça diluir o mau humor do nosso amigo prof. Elias. Quem dera à quase totalidade dos homens de Fão passar por aquele embaraço...

Pagaram a assinatura

1990 — Manuel Silva, Rio Tinto, 1000\$00; D. Virginia Alves Carvalho, Porto, 1000\$00; Joaquim Matos Freitas, Fão, 750\$00; Abel da Costa, Fão, 1000\$00; Francisco Fernandes Faria da Silva, Holanda, 1000\$00; Café Canadá, Apúlia, 750\$00; Café Rafael, Apúlia, 750\$00; Café Girasol, Apúlia, 750\$00; Armando Jorge Pereira Reis, Águeda, 750\$00; Francisco dos Santos Solinbo Gomes, Fão, 750\$00; Arlindo Lopes Cardoso, Fão, 750\$00; Dr. Paulo Sá Macbado, 1000\$00; Dr. Óscar Ferreira Gomes, Braga, 750\$00; Joaquim Moraes da Silva, Lisboa, 750\$00; Germano Gonçalves de Barros, Fão, 750\$00; Raúl Lúcio Fonseca Viana, Fão, 750\$00; Ascânio Lima Moledo, Fão,

750\$00; António Carlos Graça Peixoto, Guimarães, 750\$00. 1990/91 — Frank Barrote, Porto, 3000\$00; Manuel Fernando Alves Pereira, Barcelos, 1500\$00; Emídio Real Moraes, Fão, 1500\$00; Marcos Reis, Fão, 1500\$00; Dr. Sérgio Campos Mendanba, V. do Castelo, 1500\$00; Carlos Cardoso Salgado, Brasil, 2500\$00. 1991 — Dr. José Alberto Costa e Silva, Esposende, 1000\$000; António Teixeira da Silva, Esposende, 1000\$00; João de Deus Soares, Porto, 750\$00; Dr.ª M.ª Celeste Sá Pereira Portela, Póvoa de Varzim, 800\$00; Dr.ª Georgina Carneiro, Porto, 750\$00; Dr. Abílio Ferreira Marques, Porto, 750\$00; António de Almeida Miquelino, Lisboa, 2000\$00; José Ramos da Silva, Fão, 750\$00

(Continua)

TECIALGO

TINTURARIA E ACABAMENTOS TÊXTEIS

R. SENHORA CAMPANHÃ — 4000 PORTO
TEL. 572829 - 567022 - 572574 — TELEX 23392 — FAX 5100734

Somos possuidores da Melhor Técnica de Serviço a nível Europeu

Possuímos secções equipadas com o que há de mais evoluído

- TINTURARIA DE MALHAS E TECIDOS
- ACABAMENTOS RÁMULAS
- CALANDRAS
- MERCERIZAÇÃO DE MALHA
- COMPACTAÇÃO DE MALHAS
- CARDAÇÃO — MALHAS E TECIDOS
- LAMINAGEM — MALHAS E TECIDOS



Optica

Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777
FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933
4700 BRAGA

ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuação do número anterior)

Kibaxe estava na iminência de ser atacada, os seus habitantes dormiam na prisão, agora transformada em fortaleza, onde igualmente se alojaram os poucos militares que tinham ficado. Desafortunadamente não existia espaço para todos os brancos que faziam parte da coluna.

Depois de mitigarmos um pouco a fome e a sede, resolvemos ir todos dormir para o club que ficava perto da prisão. Entrámos e cada um tentou acomodar-se o melhor que pôde. A maioria deitou-se simplesmente no chão, outros sentaram-se nas cadeiras existentes e tentaram adormecer.

Eu e os meus companheiros subimos para cima da mesa do bilhar onde nos deitámos. O sono teimava em não chegar, apesar de nos acharmos exaustos. Encontrávamos-nos demasiadamente excitados para podermos dormir. Se acrescentarmos a isto o receio de sermos atacados durante o sono, havia razão bastante para nos mantermos de olhos abertos. Apesar de tudo, pouco depois alguns adormeceram e só o ressonar deles quebrava o silêncio da noite.

Eu e mais alguns não conseguíamos dormir. Aquela noite parecia não ter fim. Na minha cabeça fervilhava um turbilhão de interrogações onde eu procurava uma explicação para o que se estava a passar, sem o conseguir. Conhecia muito bem as gentes da região de Vista Alegre. Havia lá duas tribos, os Makambas e os M. Hungos. Os primeiros eram os naturais da região e o seu dialecto era igual ao dos povos de Luanda, Catete, etc. Os M. Hungos eram povos emigrados. Diziam que tinham vindo do Congo enviados pela Rainha Ginga. O nome de M. Hungos quer dizer vindos de fora. A sua chegada à região provocou uma guerra entre as duas tribos. Os Makambas em número consideravelmente superior, e conhecedores do terreno, bem depressa venceram os M. Hungos e submeteram-nos à escravatura. Os M. Hungos trabalhavam a terra e todo o fruto do

seu trabalho era entregue aos Makambas, seus senhores.

Esta situação manteve-se até à chegada dos brancos que acabaram com o sistema. Os M. Hungos ficaram contentes, pois foram libertados e, como eram trabalhadores, prosperaram. Os Makambas habituados a não trabalhar, ficaram na miséria, pois deixaram de ter quem trabalhasse para eles.

Os anos passaram e os Makambas recuperaram um pouco a diferença económica que os separava dos M. Hungos, mas o seu ódio a estes não diminuiu. Eles afirmavam sempre que um dia voltariam a mandar nos M. Hungos, e não permitiam que se misturassem. Um rapaz Makamba não podia casar com uma rapariga da outra tribo. Os velhos Sobas e Makotas não o permitiam. Viviam em povoações separadas e o ódio dos Makambas era constante.

Os M. Hungos conservavam o dialecto que tinham trazido do Congo. Escusado será dizer que os brancos também eram vítimas desse ódio, pois eram acusados de serem os responsáveis pela actual situação. No entanto, eram compensados com a amizade dos M. Hungos, que sempre manifestavam a sua gratidão por os brancos os libertarem. Esta rivalidade entre as duas tribos, à primeira vista parecia trazer vantagens para os brancos, pois estes contavam que se uns tentassem alguma coisa contra eles, teriam os outros do seu lado.

Mas isso não aconteceu é a prova disso era tudo o que estava a suceder. Eu não conseguia dormir, porque não podia entender como tinha sido possível as duas tribos se juntassem para fazerem a guerra contra nós. Eu que pensava conhecê-los bem tinha agora que reconhecer o meu fracasso.

As horas foram passando até que a luz do dia irrompeu pelo salão. Os homens, uns após outros, foram acordando, ao mesmo tempo que palravam e procuravam água para se lavarem. Felizmente que a água não faltava ali e pouco a pouco estávamos preparados para abandonar o aposento. De-

pois disso procurámos na Vila alguém que nos fornecesse um pouco de café quente.

Oito horas da manhã do dia dezanove. O comandante Robles dá as últimas instruções antes da coluna se pôr em marcha novamente com destino a Vista Alegre. Dez quilómetros percorridos e chegámos ao acampamento dos trabalhadores da estrada. O comandante pediu ali alguns voluntários e alguém que soubesse guiar para seguirem connosco na coluna até à camioneta que se encontrava abandonada a caminho de Vista Alegre, a fim de eles a trazerem de volta ao acampamento.

Logo alguns se ofereceram, incluindo um condutor. Resolvido este problema, a coluna pôs-se novamente em marcha. O jeep do Neves, eu a seu lado, e os empregados do Bom Destino na caixa, colocámo-nos à frente da coluna, logo procedidos por uma viatura militar. Pouco depois estávamos no rio Dange. Rapidamente passamos à outra margem e em breve alcançámos o carro abandonado. Soubemos mais tarde que os dois ocupantes encostaram o carro e seguiram a pé, estrada fora, em direcção a Vista Alegre, convictos de que encontrariam os militares. Ao encontro deles saíram-lhe os bandidos que os destroçaram à catanada.

Como não existiam as chaves para pôr o motor a funcionar, foi preciso fazer uma ligação directa, o que para um condutor experimentado não constitui problema.

Conseguiu-se manobrar o carro invertendo o sentido para regressar ao acampamento. Os voluntários subiam, para cima da carga e o carro arrancou. Esperamos até o carro desaparecer numa curva da estrada.

(Continua)

DIA DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA

A Câmara Municipal de Esposende realizou o Dia da Comunidade Luso-Brasileira, que teve lugar nos dias 20, 21 e 22 de Abril, na vila de Esposende.

O programa incluiu: Dia 20, às 17 horas — Sessão Solene (salão Nobre da Câmara); Inauguração das Exposições: «O Barroco na cidade da Baía», «Influência Portuguesa na Arquitectura do Brasil». Dia 21, às 11 horas — Visita guiada ao concelho de Esposende: «Em busca da tradição Brasileira». Dia 22, às 21 horas — Conferência subordinada ao tema: «O contributo Brasileiro para o Desenvolvimento do concelho de Esposende».

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, Presidente da Câmara Municipal de Esposende: FAZ SABER que de harmonia com a deliberação desta Câmara Municipal de 14 de Abril de 1991, se procederá à venda, em hasta pública, do lote de terreno número 12 (doze), destinado a construção urbana, localizado na Zona Centro da vila de Esposende, devidamente estruturada, cuja base de licitação é de 36.481.500\$00.

A referida hasta pública terá lugar no edifício dos Paços do Concelho no dia 20 do próximo mês de Maio, pelas 14,30 horas, não sendo permitidos lanços inferiores a 200.000\$00.

A venda do aludido lote regular-se-á pelas condições especiais estabelecidas e aprovadas pela Câmara Municipal, em sua reunião realizada em 17.12.90, encontrando-se as mesmas patentes ao público na Repartição Administrativa e Financeira da Câmara Municipal (SATLA), durante as horas normais de expediente.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente EDITAL e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Esposende e Câmara Municipal, 17 de Abril de 1991.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

A BRASILEIRA
PORTO



Nós somos café

OS NOSSOS ENTREVISTADOS

(Continuado da pág. 3)

amigo. Talvez um pouco individualista, reservado nas saudações, e buscando os próprios interesses. Mas, quem é perfeito?

10. *Os seus antecessores «legaram» o seu nome a Fão, contribuindo para a sua socialização católica, sobretudo até aos anos setenta. O que se passa hoje com a ligação da juventude à Igreja?*

Uma pessoa é muito boa quando morre ou quando deixa a terra... Há um punhado de jovens que tem feito um acentuado progresso na sua vida humana e cristã. Nem sempre tenho acompanhado com a maior assiduidade a sua «caminhada», mas eles sabem quanto os tenho ajudado a fazer caminho, não tanto quanto desejava, mas mesmo assim o suficiente para se dizer que a ligação entre os jovens e o seu pároco é simpática e cordial.

Os jovens de hoje são tão bons ou melhores do que os antigos. Eles têm de vencer as solicitações do mundo, o mau exemplo de alguns adultos, a ideologia de alguns professores, o anti-clericalismo de certa literatura e dos mass media e outros perigos. Convívio com os jovens na escola e na paróquia. Os jovens desta vila e do concelho merecem-nos atenção; têm ainda muitos valores.

11. *Não lhe parece que o Pároco convive pouco?*

É verdade. O horário demasiado carregado que tenho este ano não me permite fazer convivência como desejava. Mas ainda há tempo e espaço para provocar o convívio: todas as segundas feiras à noite abre-se a porta da residência paroquial (enquanto não for possível o salão) para duas horas de convívio, debruçando-se sobre temas religiosos que sempre têm interesse. Já agora gostaria de perguntar àqueles que mostram tanta vontade do meu convívio, se me procuram naqueles lugares em que sabem que certamente me encontrariam. Essa queixa é muito vulgar. Não me aflige absolutamente nada. Há sempre em toda a parte quem não liga ao ministério do padre para nada, mas gostaria de o ter como amigo...

12. *Porque não ocupa cargos sociais? Bombeiros? Hospital?*

Já passou o tempo em que o sacerdote era tudo numa terra. Quando há leigos competentes, cultos, dedicados, o pároco louva a Deus por esses irmãos que dedicadamente ocupam tais cargos.

13. *Que obras de vulto foram realizadas nos últimos quinze anos?*

Certamente mais do que se julga e menos do que eu desejava. Obras materiais: restauro das capelas da Senhora de Fátima e da Bonança, e a igreja paroquial. Obras espirituais Deus sabe mas a participação na missa que é o acto central da nossa fé sofreu uma evolução enorme. Veja um pouco o que eram as missas na igreja Matriz e no Bom Jesus então e o que são hoje...

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

Por E. REAL

Era domingo, ventoso e agreste. Mas havia sol e sentia-se no ar o alvoroço da romaria.

O vento revolvia os cabelos e agitava as saias mais rodadas; não esmorecia, porém, o calor da animação.

A banda apareceu na rua. As pessoas comprimiam-se nas janelas e varandas, nas portas e nos passeios.

Os músicos marchavam, garbosos no seu uniforme, certinhos e apurados como os soldados de chumbo dos tempos da nossa infância. Logo atrás, a miudagem corria e saltava, seguida por um improvisado «cortejo» de gente de todas as idades, inclusive da «terceira»...

Nas proximidades do Largo da Igreja, os feirantes, no palco improvisado dos seus veículos, exaltavam com veemência a maravilha dos seus produtos, em vozes tonitruantes, a que os microfones não eram alheios. Nas bancas improvisadas, os brinquedos de plástico punham uma nota colorida.

A multidão acotovelava-se, empurrava-se, mas sem azedume. O largo regorgitava, palpitava de vida, era pequeno para tanta gente. Todos o compreendiam.

Ao entrar-se na Igreja do Senhor Bom Jesus, a primeira sensação era o agradável contraste entre o ambiente calmo e repousante, e a agitação do exterior.

Depois, caminhando pela nave, junto ao altar-mor, o deslumbramento: um extenso tapete de flores juncava o chão, obra de dois irmãos-artistas, os Irmãos Matias, fangueiros de nascimento e de coração.

Era um tapete multicolor, de caprichoso e artístico desenho, fazendo, fazendo lembrar, pela minuciosidade e rigor do traçado, os mosaicos romanos. Mas ganhava-lhes em alegria, em colorido, na sensação quente e viva que as pétalas frescas e variadas, irradiavam. Do rosa ao laranja, do amarelo ao lilás, do branco ao verde, desprendia-se uma harmonia quase musical.

A Igreja estava transfigurada. Era como se os compassos solenes de uma sinfonia de Bach se elevassem, vibrantes e majestosos, pela abóbada luminosa e imensa de uma catedral gótica.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, Presidente da Câmara Municipal de Esposende: TORNA PÚBLICO que por deliberação desta Câmara Municipal de 19 do mês em curso, se procederá à venda da viatura municipal, abaixo identificada, através de PROPOSTA EM CARTA FECHADA, a qual deverá ser entregue neste Município ou enviada pelos C.T.T. até ao dia 20 do próximo mês de Maio, dentro das horas de expediente, sendo a abertura das mesmas propostas efectuada na reunião do executivo municipal na quinta-feira imediatamente a seguir àquela data.

A referida viatura encontra-se estacionada na agência da CITROEN, em Sequeira-Braga, onde poderá ser examinada, devendo, para este efeito, ser contactado o Senhor António Soares.

Identificação da viatura: «Ligeiro de passageiros, a gasóleo, marca Citroen, modelo CX 2 500, motor de 4 cilindros, 2.500 cm³ de cilindrada, matrícula CU-09-70 do ano de 1982».

Para constar se publica este EDITAL e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos do costume e publicitados em vários órgãos da comunicação social.

Esposende e Câmara Municipal, 29 de Abril de 1991.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

AVISO

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, Presidente da Câmara Municipal de Esposende: TORNA PÚBLICO que esta Câmara Municipal deliberou, em sua reunião ordinária de 19 de Abril de 1991 e nos termos da legislação em vigor: NÃO AUTORIZAR a prática de qualquer tipo de CAMPISMO fora dos parques destinados a este fim, na área do concelho de Esposende, e solicitar às autoridades policiais competentes o seu integral cumprimento.

Para constar e devidos efeitos se publica este aviso e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos do costume e publicados na imprensa local, regional e nacional.

Esposende e Câmara Municipal, 30 de Abril de 1991.

O Presidente da Câmara,
Alberto Queiroga Figueiredo



7ª Meia Maratona Internacional do Cávado

PROVA PARA ATLETAS FEDERADOS E NÃO FEDERADOS DE AMBOS OS SEXOS, MAIORES DE 17 ANOS

COLABORAÇÃO — Região de Turismo do Alto Minho
— Direcção Geral dos Desportos
— Associação de Atletismo de Braga

Domingo, 19 de Maio de 1991 — às 10.00 horas

<p>ESCALÕES</p> <p>MASCULINOS</p> <p>Juniors Seniores Veteranos, I a IV</p> <p>FEMININOS</p> <p>Escalação único</p>	<p>PRÉMIOS</p> <p>700 corões, em dinheiro, Taças, Medalhões, Medalhas, 1 mocho em barro, ex-Libre do Concelho para todos os atletas que concluírem a prova, lembranças utilitárias (T-Shirt, Sopa, Fatos de Treino, etc.)</p> <p>Prémio suplementar de 20 corões para o primeiro atleta sénior masculino e primeira feminina que consigam bater o record estabelecido no ano passado</p> <p>TROFÉU ISOSTAR</p>
--	--

Inscrições gratuitas até 16 de Maio de 91 e 150000 isostas depois desta data, para:
— Câmara Municipal de Esposende — Gabinete de Animação Desportiva
4740 Esposende — Telef. 981127/981023 — Telex: 32089 Carvas P — Fax: 984637
— Delegação de Turismo de Esposende — Rua 1ª de Dezembro
4740 Esposende — Telef. 981354 (rede de Braga)

ORGANIZAÇÃO: Câmara Municipal de Esposende

Alugueres económicos, em Casas de Férias — Telef. 981172
Esposende unidades habitacionais
Rede rede de transportes rodoviários — Empresa Litoral/Esposende e Porto/Esposende

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



ALGUNS ASPECTOS DA REGA GOTA-A-GOTA

(Continuado do número anterior)

6.º — *Aumento de produção, com melhoria de qualidade*, devido à mais fácil absorção de nutrientes e água pela planta.

7.º — *Diminuição de mondas e sachas*, devido ao menor crescimento de ervas daninhas entre as linhas.

8.º — *Possibilidade do sistema ser utilizado com grande velocidade do vento e temperaturas altas*, ao contrário do que se verifica na rega por aspersão, visto a distância do gotejador ao solo ser reduzida ou nula.

9.º — *Possibilidade da aplicação da fertirrigação mineral*, devido à facilidade de montagem do adubador e de distribuição de adubos solúveis.

10.º — *Não existe problema da asfixia de raízes*, apesar do sistema contínuo de rega, devido aos baixos débitos dos gotejadores.

11.º — *Aplicação em terrenos inclinados e desnivelados e até em encostas pronunciadas*, visto poderem utilizar-se gotejadores de débito constante ou limitadores de débito incorporados na instalação.

12.º — *Tem menos problemas com águas salinas do que os outros métodos*, devido ao movimento dos sais para as zonas periféricas das bolsas humedecidas e ainda devido ao não humedecimento da parte aérea da planta.

13.º — *Aplicação em solos de pequenas espessuras (20-25 cm)*, devido ao humedecimento constante da bolsa humedecida.

14.º — *Aplicação em solos de textura grosseira, de permeabilidade elevada e de muito baixa capacidade utilizável do solo para a água*, devido ao sistema contínuo de rega.

15.º — *Facilidade de automatizar a ins-*

talação, devido à fácil incorporação de um sistema electrónico para esse efeito.

16.º — *Percentagem de humidade do solo próxima da capacidade de campo*, devido ao sistema contínuo de rega e ao baixo débito dos gotejadores.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges 812199..... BARCELOS

17.º — *Tratamentos fitossanitários simultâneos*, como anteriormente foi referido.

18.º — *Evita-se totalmente o empapamento do solo e a formação de crosta*, devido aos menores caudais distribuídos (RAPOSO, 1974).

19.º — *Cura da clorose e outras carências*, devido ao emprego da fertirrigação mineral.

20.º — *Refrigeração contínua das raízes*, devido ao sistema contínuo de rega.

21.º — *Permanente arejamento do solo*, visto a percentagem de humidade do solo não ultrapassar valores próximos da capacidade de campo.

22.º — *Controle completo sobre o humedecimento do solo*, devido às características específicas das instalações.

23.º — *Eficiência da rega superior à de qualquer outro método* devido praticamente ao total consumo por evapotranspiração de toda a água aplicada.

24.º — *Possibilita-se a rega por baixo de túnel de plástico* (LOPEZ, 1974), devido ao facto das tubagens ficarem colocadas à superfície do solo.

25.º — *Não têm acção nefasta sobre a*

Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 708
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com. Sítio n.º 1438

(Continua na pág. 14)

(Continuado da pág. 13)

microbiologia do solo, visto a percentagem de humidade do solo não ultrapassar valores próximos da capacidade de campo.

Inconvenientes

1.º — Grande empate de capital inicial, que se pode comparar ao custo de instalações de rega por aspersão semi-fixas em pomares, e fixas em viticultura e horticultura.

2.º — Problemas de entupimento de gotejadores, dado que este assunto não está ainda totalmente estudado, visto haver casos em que a filtragem não se apresenta ainda completamente eficaz.

3.º — Desperdício da grande parte da fertilidade do solo (LOPEZ, 1974), visto as raízes explorarem menor volu-

me de terra, pelo que aumentará o emprego de fertilizante.

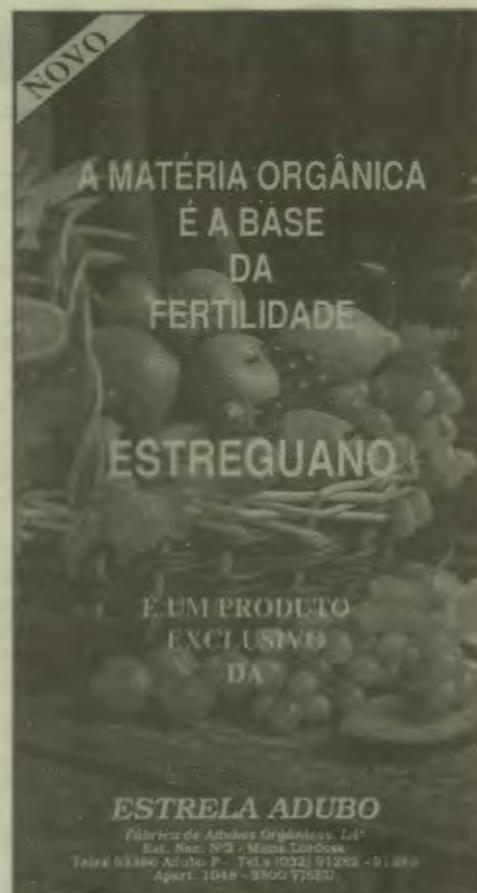
4.º — Desenvolvimento de ervas daninhas nas zonas humedecidas, devido ao sistema contínuo de rega.

5.º — Pouca experiência neste método de rega, visto ser um método relativamente recente no nosso País, sendo a área por ele coberta muito inferior àquela ocupada por qualquer dos métodos clássicos.

6.º — Redução do sistema radicular das plantas, quando este não é totalmente humedecido, devido à distribuição irregular da água no solo.

7.º — Problemas com precipitados que causam entupimentos, quando se usam águas calcárias, devido à formação de compostos de cálcio insolúveis.

8.º — Problemas com algas, embora este assunto possa ser resolvido como atrás foi descrito.



9.º — Danos nos tubos de polietileno causados por diferentes animais, geralmente roedores; também os insectos podem danificar os tubos de polietileno (NEGUEROLES e URIU, 1975).

10.º — Problemas de entupimento em microtubos, causados por insectos, larvas e ovos dos mesmos, que aí penetram fazendo as suas posturas; no entanto este assunto pode ser resolvido em parte como atrás foi descrito.

11.º — Menor versatilidade para a rega que o método de rega por aspersão, visto que no de aspersão é fácil de mudar a instalação de um cultivo para outro, resultando isto impossível ou muito difícil a maioria das vezes na rega gota-a-gota (POMPA, 1975).

12.º — Impossibilidade de aplicação da fertirrigação orgânica, ao contrário do que se verifica na rega por aspersão devido ao problema de obstrução e entupimento.

13.º — Impossibilidade de combate das geadas, ao contrário do que se verifica em instalações especiais de rega por aspersão totalmente fixas, devido ao não humedecimento da parte aérea.

14.º — Menor longevidade das tubagens gota-a-gota, em relação ao que se verifica para as tubagens metálicas da rega por aspersão, devido à sua maior fragilidade.

15.º — Grande dificuldade ou impossibilidade de desmontagem das tubagens, ao contrário do que se verifica com as tubagens móveis da rega por aspersão.

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



DESCARREGADOR E ELEVADOR



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

FIM

NO BRASIL — UMA SAUDADE

(Continuado da pág. 16)

Paguá e como não podia deixar de ser lá fomos ao Corcovado, sala de visitas do Brasil.

Foi então que marcámos uma tarde de Domingo em Itaguaí para um almoço em casa do sr. Lemos, um amigo do sr. Adelino Saraiva e de Fão.

Depois de alguns problemas de percurso, desencontros, lá chegámos a casa do sr. Lemos onde nos esperava uma bela bacalhoada e um bom vinho português. Lá estavam o Maximino e esposa que ajudaram a fazer tão deliciosa refeição. Começou então a falar-se do nosso Fão tão querido. Vai daí a esposa do Maximino começou a cantar canções das nossas revistas. Foi uma tarde maravilhosa que mais parecia que estávamos em Fão. Chegou a noite e com ela a partida.

Mais logo, meu irmão Jesus marcou uma churrascada para o domingo seguinte, na sua casa. Foi maravilhoso. Marcámos depois encontro com o Avelino, filho da sr. Ondina e com o Rodrigues, seu irmão, já há anos no Brasil, e, como não podia deixar de ser, o Maximino e a esposa e todos os familiares do meu irmão. Foi lindo de mais ver o Avelino junto ao brasileiro a cozinhar a carne e o chouriço. Ele mal dava vazão para tanta gente. Falámos do nosso Fão, todos queriam saber coisas da nossa terra. Foi uma tarde maravilhosa. Meu irmão Jesus trouxe o violão e no meu simples dedilhar começámos a cantar as serenatas e tudo o que nos vinha à idela da nossa terra: os pátiõs antigos, os três jacarés, e logo falámos no saudoso Mala e de tantos outros. O tempo passava e a verdade é que todos nós esquecemos que estávamos no Brasil: era Fão e só Fão ali presente. Entretanto as boras passaram e chegou a hora da despedida. Foi triste. A verdade é que estejam os fangueiros onde estiverem, eles só têm um pensamento: são as saudades, as memórias da terra. Quando o sonbo acabou, nós descobrimos que aquela tarde fangueira e a outra tinham sido passadas no Brasil mas o coração e o pensamento, esses estava sempre na nossa terra. Ficámos mais tristes quando o Maximino entrou no carro que o levaria de partida a sua casa.

Mas antes, disse-me: «Óscar, dá cumpri-

mentos meus a toda a gente ou então dá um abraço ao bom Jesus que assim estarás a abraçar todo o Fão».

É bonito sentir a fé e as saudades daquelas que, mesmo longe, amam a sua terra. E como diz o poeta

Fão, linda terra minba
Como tu não há igual
Tu és a mais linda
Terra de Portugal!

Óscar Viana

A JÚLIA MOIRA

(Continuado da pág. 2)

comensal quase diária daquela família a quem a ventura batera à porta. Fazem-se os convites da praxe, escolhe-se o vestido de noiva, e todos os convidados se afadigam em aprontar as melhores farpelas, os melhores sapatos e os mais lindos chapéus.

No dia aprazado (pela Júlia) os convidados apresentam-se em casa da noiva. Esta, por sua vez, alindada como todas as noivas, atoucada com os melhores atavios, espera, sentada em cima de uma rasa, de barriga para baixo (dava sorte) a chegada do noivo. Os convivas fazem-lhe companhia com os piropos e insinuações do costume. Passa-se uma hora, passam-se duas, passam-se três e do noivo nada. A Júlia prudentemente ficara em casa. Alguém toma a iniciativa de falar com a família do noivo que fica autenticamente siderada quando lhe dão conta do que se estava a passar. Uma risada monumental ecoa em todo o Fão logo que a notícia extravaza para além do âmbito familiar. Estava-se perante mais uma trama da Júlia que era já Moira há muito. A sua cotação na bolsa do mercado linguareiro subiu em flecha. Raio de mulher!...

Assim o seu nome passou a figurar indelevelmente no anedotário local e por isso nós a recolhemos para a sentar nas escadas da memória de Fão. A rua onde ela vivia ficou para posteridade conhecida como a *Cangosta da Moira*.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos SaraivaADMINISTRADORA:
Zita SaraivaREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

DOENTES

No Hospital de S. João no Porto foi submetido a uma melindrosa operação o nosso amigo Artur Lopes da Costa.

A intervenção cirúrgica decorreu com êxito o que veio compensar a saga «heróica» realizada ou sofrida por este nosso colega das lides jornalísticas antes de ser internado naquele estabelecimento hospitalar.

Já se encontra na sua casa em Esposende e nós formulamos o desejo de um restabelecimento rápido e total.

E que volte rápido às colunas do Jornal de Esposende.

★

— Também se encontra em convalescência o nosso amigo dr. José Novais que num acidente ocorrido em casa sofreu fractura do rádio ou seja do osso chamado rádio. (Este mês foi verdadeiramente aziago para os jornalistas).

O dr. José Cândido é o correspondente do Farol de Esposende e de vez em quando faz ou fazia uma «perninha» para o nosso jornal.

Por acaso não nasceu em Fão mas tem-se revelado fãonático tão bom como os melhores. Não foi por acaso que escolheu a terra fangueira para gozar a sua reforma.

As melhoras, dr. Zé.

Falta de Espaço

Devido à falta de espaço, só no próximo número publicaremos um texto sobre o Senhor Bom Jesus que o nosso prezado conterrâneo e amigo Carlos Mariz teve a amabilidade de nos remeter.

TRIÂNGULO JOTA

UMA COLECCÃO NOVA
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



INAUGURADAS EM ESPOSENDE AS NOVAS INSTALAÇÕES DO CRÉDITO AGRÍCOLA

«O dinheiro que para Portugal foi carreado, o ano passado, através da FEOGUE, Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola, atingiu a cifra de 40 milhões de contos.

Isto só foi possível porque os agricultores portugueses, as empresas agrícolas, as empresas agro-pecuárias elaboraram os seus projectos, candidataram-se aos subsídios dos fundos estruturais e foram atendidos dada a correcção e os objectivos apresentados».

na, na altura da inauguração das nossas instalações da Agência da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, na vila de Esposende ocorrida no sábado, dia 27 de Abril, congratulava-se pela viragem que a agricultura portuguesa acusou nos últimos dez anos.

Presentes àquela cerimónia estiveram o Governador Civil de Braga, o Presidente da Câmara, representantes do Crédito Agrícola, o deputado eng. Manuel Ribeiro, o dr. Queiroz de Faria médico e proprietário, o antigo

mostrou-se agradado pela inauguração das novas instalações pois isso vai permitir um maior desenvolvimento da agricultura concelhia que é o mais importante polo da economia de Esposende. «O Turismo é muito bonito, toda a gente fala nele, mas dá-nos muito pouco. Penso que morreríamos quase à fome se não fosse o peso importante que tem a agricultura».

Alberto de Figueiredo referiu-se ainda à viragem que a agricultura estava a acusar não sendo mais possível os tempos de antigamente em que os pais diziam aos filhos que acabava de casar: «anda para casa e comes aqui». Torna-se importante dignificar a agricultura que passa pelas informações dos pais e pela formação dos filhos. Nesse sentido as Caixas de Crédito Agrícola têm um papel muito importante a desempenhar.

Culminando a série de discursos, o titular da agricultura referiu-se à entrada de Portugal na CEE e a propósito utilizou uma linguagem desportiva: «É muito mais importante que o nosso país esteja inscrito num clube da 1.ª Divisão, neste caso a CEE, embora ocupando os últimos lugares, do que num clube de 2.ª, mesmo que seja o 1.º classificado».

No seu entender, Portugal desenvolveu-se expressivamente no sector da agricultura, desde há cinco anos atrás, o que constituiu «uma bofetada de luva branca» para aqueles que profetizavam o caos, o dilúvio e o fim do mundo neste sector».

Lamentou finalmente que o sector bancário não tenha acompanhado em termos de confiança o grande salto em frente dado pela agricultura nos últimos dez anos.

No «Jornal de Notícias» de 29/4/91 o título de uma notícia semelhante situava a inauguração da agência em Fão. Foi gralha como se inferia do corpo do texto.



A Agência da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, na Vila de Esposende

Com estas palavras proferidas pelo Ministro da Agricultura, dr. Arlindo Marques Cu-

DIA DO POVEIRO

Dantes, e não há muitos anos, os povelos costumavam ir passar a segunda-feira de Páscoa no pinhal do Anjo, freguesia de Argivai. Várias vezes nos integrámos nessas excursões a que quase nenhum poveiro faltava. Comia-se, jogava-se e até se dormia. Tudo sob um vasto pinhal. A Póvoa despovoava-se. As lojas fechavam-se, as repartições públicas encerravam cedo e, ao que nos lembra, só os bancos e a Caixa Geral de Depósitos permaneciam abertos, mas ninguém lá ia.

Já há muito que não passamos por aquelas bandas de modo que não sabemos como o local se encontra. Sabemos, sim, que os povelos deixaram de ir lá. E então viraram-se para a nossa terra, mais propriamente, para o pinhal, junto à praia. O Anjo agora chama-se pinhal de Fão. Este ano, como já se previa, os povelos aqui apareceram na sua máxima força. Houve engarrafamento mostro na estrada da Bonança.

Avisadamente a Comissão de Festas do Bom Jesus incluiu no seu calendário das festas o DIA DO POVEIRO, o que nos fez pensar que já contavam com esse êxodo maciço da gente da Póvoa.

Sugerimos à Junta que nesse dia, segunda-feira de Páscoa, coloque à beira do chalet um dístico com uma saudação especial. Pode ser, por exemplo: «Sêde bem-vindos, povelos amigos». «Um grande abraço de Fão à vizinha Póvoa», etc.

Seria um gesto amigo que os visitantes não esqueceriam jamais.

Presidente da Câmara de Esposende António da Costa Leme, a Chefe de Serviços da agência do Crédito Agrícola naquela Vila, D. Alice Vilas Boas, os directores dos jornais locais Farol de Esposende, o Jornal de Esposende, O Novo Fanguero e outros convidados.

A nova agência que nos pareceu bastante acanhada foi benzida pelo pároco de esposende Monsenhor Baptista de Sousa.

Após esta singda cerimónia, usou da palavra Manuel Martins Ledo, Presidente da Direcção da Caixa que se referiu com grande ênfase ao Decreto-Lei 231 de Junho de 1982 o qual veio instituir um novo regime jurídico para as Caixas Agrícolas, desafectando-as da Tutela da Caixa Geral de Depósitos e possibilitando, por isso, maiores facilidades de acesso ao crédito. Referiu ainda que se tornava necessário dotar as Caixas de Crédito Agrícola de condições semelhantes às restantes condições de crédito.

No mesmo sentido usaram da palavra o Presidente da Federação Nacional e União das Caixas de Crédito Agrícola Joaquim Maia Igreja e João Marto Ramos, Presidente da Caixa Central, que se congratulam igualmente com as novas condições atribuídas ao Crédito Agrícola, tendo em conta às novas exigências do mercado.

O Presidente da Câmara de Esposende

NO BRASIL — Uma saudade

Ex.mo Sr. Director de «O Novo Fanguero»
Tardes Fangueritas no Brasil.

Foi bom de mais sentir como sentem os nossos fangueros no Brasil a saudade da sua terra natal.

Junto com meu irmão António, parti para o Brasil de visita a meu irmão Jesus que há longos trinta e nove anos trabalha em terras brasileiras. Foi para mim um sonho, que se tornou realidade, ver como vivem os brasileiros de hoje. Já lá vão os tempos em que o Brasil era o tesouro de quantos portugueses partiram à procura de melhores dias.

Hoje, o Brasil tem uma economia como todos sabem, à beira da ruína e o povo brasileiro vive maldizendo a sua sorte. Apesar do seu clima e do seu solo rico, o Brasil passa pela pior crise do século, é triste ver como estão as estradas do Rio de Janeiro e como vive o povo trabalhador.

Mas deixemos os problemas do Brasil para os brasileiros e falemos um pouco do que foi a nossa estadia em terra de Santa Cruz.

Depois de termos visitado Copacabana, Petrópolis, Teresópolis, Madureira, Jucuaré

(Continua na pág. 15)

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO